

A SEDUÇÃO

As relações humanas sempre envolveram a sedução. Ela faz parte do discurso histórico que torna possível o vínculo social. Mas nos últimos 70 anos, aproximadamente, temos vivido em um mundo no qual a sedução funciona sem parar. Ela é essencial para o funcionamento do neocapitalismo, já que a sociedade de consumo não poderia funcionar sem ela. A mídia de massa e as redes sociais estimulam constantemente nossos desejos: a humanidade parece não conseguir viver sem o whatsapps, e o telefone celular se tornou o representante do grande falo imaginário.

Freud nos alertou sobre a sedução, dizendo que ela era um modo de resistência à elaboração analítica na transferência, tanto quanto a agressividade. Será que os psicanalistas e as instituições psicanalíticas estão suficientemente atentos a isso hoje ?

Os analisandos esperam que o psicanalista não seja enganado e, para isso, eles o testam tentando reverter a demanda para tentar localizar o desejo, a castração do analista. A atribuição de um saber ao analista, esse sujeito supostamente sabedor de que falava Lacan, é a maior expressão da sedução. Idealizar e amar o analista é um grande obstáculo para atravessar o plano da identificação alienante e, portanto, a fantasia fundamental e, assim, poder pôr um fim lógico à análise. O sujeito fica então preso na "rocha da castração": seja sob a forma de ameaça de castração ou de inveja fálica. O fato de o analista não reverter essa atribuição e se contra-identificar com aquele que sabe é um grande obstáculo para a saída da análise.

A sedução que busca sua cumplicidade pode procurar fascinar por meio da exibição de beleza ou conhecimento, do significado de associações ou sonhos, do modo de dizer, mas também por meio do sofrimento do próprio sintoma. O vitimismo - diferente da vitimização genuína - apela para a compaixão do outro, e não há nada mais atraente do que o sofrimento do outro para aqueles que ainda não analisaram e resolveram du furor curandis.

As novas tecnologias usadas na cura também podem estar a serviço da sedução, mas não tratarei disso aqui, pois imagino que outros colegas abordarão a questão durante este Congresso.

Enquanto a fantasia da sedução - com sua inerente insatisfação do desejo - permanecer em sua dimensão imaginária, ou seja, enquanto o analisando não ceder, ela poderá ser analisada. Mas quando o analisando de fato alcança seu objetivo, mesmo que de forma pequena, ele entra em uma dialética parricida e incestuosa da qual é difícil, ou às vezes impossível, se livrar. O excesso de gozo na transferência exacerba a angústia, os sintomas, a atuação ou até mesmo a passagem ao ato.

A sedução e a instituição psicanalítica

Entretanto, a sedução também está presente nas relações entre os psicanalistas dentro de suas instituições. Há instituições psicanalíticas em que predomina o discurso do mestre, outras em que predomina o discurso universitário e outras em que predomina o discurso histórico, mas a sedução está presente em todas elas. O discurso psicanalítico não poderia permitir a constituição de nenhum laço social entre os analistas, pois só opera na cura.

Isso levanta o velho problema da formação dos psicanalistas nas associações psicanalíticas. Se Lacan interessou a muitos analistas, não foi apenas por causa de suas formidáveis contribuições, mas também porque, como alguns outros, ele se interessou pelo assunto e propôs uma alternativa conceitual e prática para resolvê-lo. Os resultados estão à vista de todos. Ele não teve sucesso com sua própria escola e deixou um legado que reproduziu o mesmo obstáculo: a cooptação por meio da sedução de alguns poucos para controlar o conhecimento e dominar o restante dos colegas. Dessa forma, produziu-se mais uma vez o conluio entre o significante mestre que comanda o inconsciente de todos, com os mandatos emitidos pela direção da instituição.

Às vezes, a sedução que triunfa nas curas tem vasos comunicantes com a que opera no âmbito das instituições analíticas, o que também leva à reprodução dentro da instituição de

cenas parricidas e incestuosas, com os correlatos de violência e exclusão conhecidos por todos, com seus resultados deletérios para o grupo e seus membros.

Tudo isso não pode deixar de ser um obstáculo na transferência para a queda do sujeito supostamente conhecedor e a travessia da fantasia fundamental nas análises dos futuros psicanalistas. Em vez de se tornarem "senhores de seu desejo", como Lacan esperava em sua Proposição, eles se deixam seduzir, aspirando a ser cooptados por seus mestres.

Será que nossas instituições atuais estão livres dessas dificuldades?

Talvez o mais importante seja avaliar o que isso implica para analistas e analisandos, em termos do que é encenado pela fantasia fundamental da sedução, que, como tal, é uma fantasia de sedução e frustração. Como sabemos, trata-se de despertar o desejo do outro - mesmo que apenas no instante de um olhar - para frustrá-lo logo em seguida. Em outras palavras, castrá-lo de forma imaginária. Como disse Lacan, o desejo da histeria é ter um mestre para dominá-lo. É, portanto, o desejo da histeria que se torna o desejo do outro. É, portanto, a forma histórica de assassinato do pai típica das mulheres históricas, mas também praticada por homens históricos por meio de um intermediário: o exemplo clássico é o de Don Juan. Deve-se lembrar, entretanto, que a obsessão é um dialeto da histeria e que os sujeitos obsessivos usam o conhecimento como um meio de sedução, para realizar o mesmo assassinato imaginário.

No final, uma análise serve para resolver as disputas com esse pai real e traumatizante, introduzindo a castração para o Outro materno e para o sujeito, por meio de seu desejo. Essa exceção paterna na matemática de Lacan, sem a qual o ser falante, homem ou mulher, ficaria do lado da psicose. Uma função sintomática, mas ao mesmo tempo necessária no sentido lógico do termo. Tão necessária que nunca cessa e que, sem ela, os seres falantes não teriam consciência, já que a castração é a própria condição de nossa consciência. Tão necessária que orienta o desejo do sujeito em direção ao enigmático: seja aquilo que se apresenta a nós como tal na natureza e no universo, ou na forma do Outro sexo, aquela feminilidade que

também está em nós mesmos e que pode ser a fonte de nossa criatividade se não a bloquearmos ou rejeitarmos.

Mas como matar o pai simbolicamente, como ir além dele e, portanto, além de Édipo, como falar em seu próprio nome quando esse pai é representado de forma imaginária pelos psicanalistas que dirigem a instituição, mas permanece real? Como ir além de Freud, Klein, Lacan ou outros mestres mais recentes se eles são constantemente repetidos em vez de servirem como plataforma para novas pesquisas, tanto na experiência quanto na teoria? Isso não alimenta um totemismo que impede o espírito científico dos psicanalistas?

Somos tributários do desejo de Freud, ou seja, de sua castração, mas não dele como um ideal, ou pior ainda, como um ídolo.

Os psicanalistas didáticos não devem apenas ocupar o lugar do desperdício na cura. Eles também devem ocupá-lo nas instituições psicanalíticas, evitando querer controlar tudo. Mas é preciso reconhecer que nem tudo depende deles; também é necessário que os psicanalistas mais jovens assumam suas responsabilidades pela psicanálise em geral e por suas instituições em particular.

Ainda há muito a ser feito, não apenas com relação à defesa e à extensão de nosso discurso, o discurso psicanalítico, mas também com relação à pesquisa em vários campos. Ainda há muito espaço para o entusiasmo.

Marcelo Edwards

Barcelona, maio de 2023